



Fundação Centro de Ciências e Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro / Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro / Universidade Federal Do Estado Do Rio De Janeiro / Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCHS / Licenciatura em História / Unirio/Cederj Faculdade Internacional Signorelli / Pós-graduação em Ensino à Distância

Paulo Cesar de Almeida Barros Lopes

pcablopes@gmail.com

pc_abl@hotmail.com

Uso do cinema no ensino de História - A eficácia do ensino de História usando curtas metragens.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo destacar o uso de alternativas pedagógicas no ensino, como o uso do cinema e da imagem, em especial na disciplina de História, mostrando o quanto se pode extrair em termos de pesquisa de uma produção de no máximo 10 minutos de vídeo, destacando a eficácia do ensino de História usando curtas metragens, através de uma pesquisa significativa pela qual se desbrava a origem do Estado-nação para melhor entendimento do curta metragem, e também mensurar o valor da pesquisa associado ao uso da narrativa fílmica.

Palavras chaves: alternativa pedagógica; uso do cinema; curta – metragem; pesquisa; imagem.

Leonardo do Carmo em seu artigo destaca:

“O cinema como prática pedagógica pode fazer o aluno a se interessar pelo conhecimento, pela pesquisa, de modo mais vivo e interessante que o ensino tradicional, apoiado em aulas expositivas e seminários. O porquê do cinema na escola só se justifica se ele desperta o interesse pelo ensino no sentido tradicional, e, ao mesmo tempo, mostra novas possibilidades educacionais apoiadas na narrativa cinematográfica” (O cinema do feitiço contra o feiticeiro, L Carmo - Revista Iberoamericana de educación, 2003, página 2)

Entre todos os meios de comunicação, tem sido o cinema o que mais tem despertado o interesse dos professores por sua utilização em sala de aula. Em tempos de youtube a expectativa dos alunos relacionada ao uso do vídeo não é algo tão especial como há décadas passadas. Como existe uma ampla variedade de opções à disposição dos estudantes, a exigência de um senso crítico mais apurado do docente se faz necessária, que não deve só pensar na qualidade das imagens, mas também no vídeo que irá escolher, pois este vídeo precisará ser relevante na aprendizagem do aluno, não apenas para realizar algum entretenimento. Sendo assim, é imperativo mencionar que o cinema pode e deve estar presente nas atividades curriculares porque a partir do cinema existe uma variedade de assuntos que podem ser discutidos de maneira coletiva, pois quando enxergamos o uso do vídeo como recurso, passamos a entender que esta linguagem é um pouco diferenciada da linguagem usual e se conseguimos integralizar este uso ao planejamento didático, iremos contribuir em muito na aprendizagem dos alunos.

Kátia Maria Abud (2003) mencionou que educadores preconizam a utilização do cinema como importante recurso didático no ensino de História, alguns ancorados na ideia de reprodução fiel do acontecimento passado, habilitando a construção do conhecimento histórico escolar, mobilizando operações mentais que conduz o aluno a elaborar a consciência histórica, forma de consciência humana relacionada imediatamente com a

vida humana prática, e que se constitui, em última instância, no objetivo maior do ensino de História. (A construção de uma Didática da História: algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino-Katia Maria ABUD- História, São Paulo,2003). É válido mencionar também que dentro deste raciocínio, poderemos adicionar a esta argumentação o uso da imagem, pois ele nos concede também a possibilidade no ensino da disciplina de História para o desenvolvimento do conhecimento escolar. E como esse potencial da imagem permite inseri-la no conjunto de mediadores culturais participantes do processo de construção do conhecimento escolar? Isso é feito quando consideramos várias situações de natureza abstrata, as quais necessitam de complemento, de conhecimento na tentativa de compreendermos que tipo de mensagens esta imagem deseja proporcionar. Em vista disso, se faz necessária a capacidade do historiador de fazer com que as pessoas consigam captar a mensagem real desta imagem. Ulpiano Menezes (Professor emérito da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP) enfatizou onde estão envolvidas as noções de cultura visual e História visual citando o exemplo de Michael Baxandall (historiador de arte) que demonstrou como os fatos sociais conduzem ao desenvolvimento de hábitos e mecanismos visuais que se convertem em elementos identificáveis no processo de produção e no consumo de imagens focalizando ação os efeitos provocados, a produção e a sustentação de formas de sociabilidade, a legitimação de propostas de organização e atuação de poder das imagens. Peter Burke (historiador inglês doutorado na Universidade de Oxford) afirmou que as imagens podem ser tomadas como evidências ou testemunhos do passado, nos permitindo reconstruir este passado vividamente. Por isso que se faz necessário que o historiador, através do uso da imagem, tenha a capacidade de abordar a questão do uso das imagens fazendo uma busca mais apurada, determinando o ciclo completo da produção, circulação, consumo e ações destas imagens.

Em seu artigo intitulado Carla Gil Ribeiro(2013) destaca:

“[...] A curta-metragem, tal como o filme, a publicidade, o noticiário ou o texto literário, são materiais criados por e para falantes de uma língua. Para além do apreço e

motivação que suscitam nos alunos, os audiovisuais são ainda uma eficaz forma de despoletar a criatividade e a imaginação, desenvolver a capacidade de interpretação de informação (explícita e implícita) e, por fim, contribuem para a formação global do aprendente. [...] e desde que harmoniosamente integradas, permitam ao aluno apropriar-se progressivamente de instrumentos para enfrentar a realidade social da língua meta”. (RIBEIRO, Carla Gil - A curta-metragem como recurso didático para a aula de E/LE [em linha]. Coimbra: [s.n], 2013. Relatório da prática pedagógica; página 24)

Em um trabalho de graduação realizado na UNIRIO/EAD na disciplina de História Contemporânea 2, fora extraído de quatro curta metragens que possuem menos de três minutos, cada um, sendo que dois curtas estão na língua árabe com tradução para o francês, pontos importantes sobre a História do Canal de Suez e do pan - arabismo. O fato de dois curtas não estarem dublados fora colocado com o objetivo de ser destacado pelo trabalho o uso da imagem para a reprodução do documento, pois além do filme, a imagem em movimento, sem dublagem pode representar um material significativo para o desenvolvimento de um trabalho com o aprofundamento da pesquisa. É válido mencionar que a curta-metragem ajuda a estabelecer uma relação estreita com o contexto a ser pesquisado o qual se origina de inúmeras naturezas, favorecendo assim a realização de atividades variadas, através das quais se permite um aprofundamento de extrema significância no conteúdo a ser pesquisados e suas aplicações em vários contextos.

É válido destacar também que o uso de curtas metragens pode ser de grande valia para os alunos de escolas técnicas, levando-se em consideração que grade curricular dos alunos destas escolas só possui dois tempos de aula para a disciplina de História durante a semana, desta forma, a otimização do tempo de forma qualitativa contribuirá para melhor absorção do conteúdo, por este motivo este trabalho com quatro curtas pode exemplificar melhor tal afirmativa; os curtas metragens escolhidos estão localizados no youtube¹. Estes vídeos destacam a nacionalização do canal de Suez em 1956 pelo Egito

¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=VpIfbBLBmr8;>
<https://www.youtube.com/watch?v=YlbdV8bbNUK;>

que provocou uma crise internacional. Este trecho do trabalho demonstra como fragmentos com menos de dez minutos de filme podem proporcionar o aprofundamento de um determinado assunto com uma infinidade de abordagens, vejamos:

Depois de assistir aos vídeos pode-se fazer uma avaliação dos documentários , tendo em vista que tais produções cinematográficas, em forma de documentários de curta metragem, nos ajudam a dimensionar através do áudio-vídeo a situação emblemática daquela região no Norte da África e no Oriente Médio. Não obstante, apesar de o audiovisual contribuir em muito na percepção e no entendimento da questão da crise no Canal de Suez, faz-se mister pesquisar várias fontes e bibliografias no intuito de se conseguir uma compreensão mais abrangente, bem como entender também a conjuntura mundial no período anterior a esta crise.

Tendo em vista em vista que este acontecimento, de certa forma, repercute até os dias de hoje porque neste período também podemos observar a formação do chamado “Terceiro Mundo” no qual o líder egípcio Gamal Abd Al-Nasser se tornou um líder carismático, sendo que a proporção da sua liderança alcançou todo o mundo árabe depois da Segunda Guerra Mundial tendo como resultado o desenvolvimento do pan arabismo, movimento esse que mudou toda a estrutura do Oriente Médio e suas relações com o Ocidente, em especial com os estadunidenses; movimento que passou a levar em conta os interesses do árabes que outrora eram desprezados pelas potências colonialistas. É digno de nota que a importância deste líder é tão destacada, que Nasser conseguiu numa única ação, na crise do Canal de Suez, isolar a Inglaterra e o estado de Israel, conseguiu também mexer com os interesses de duas superpotências rivalizantes, EUA e URSS, e de quebra proporcionou o retorno da autoestima dos povos árabes que tiveram de aceitar depois da Segunda Guerra a formação do Estado de Israel imposto pelas potências vencedoras da guerra.

3.1- Desbravando a origem do Estado-nação para melhor entendimento do curta metragem.

O pano de fundo para todos estes acontecimentos resumidamente destacados começou a tomar forma em um tempo mais remoto, no qual a humanidade assistiu a uma transformação de caráter irreversível, a saber, o nacionalismo, por este motivo faz-se necessária uma viagem de retorno até a Revolução Francesa, pois nela encontra-se a gênese do surgimento do Estado-nação, do qual o historiador Anthony D. Smith que se tornara um dos mais destacados nos estudos desses fenômenos, ele disse: “A nação moderna é uma “nação de massas“, isto é, algo que tende a incluir em sua definição a população em seu conjunto, o “povo“, entendido como totalidade dos que participam da vida da nação”².

Apesar das divergências entre os historiadores no que diz respeito à formação do estado nacional francês, é importante lembrar que as palavras de Smith e o pensamento de Erick Hobsbawm convergem em um entendimento de que nação pode ser entendida como o consenso das classes que nela pertence buscando um objetivo comum, que é a soberania da mesma, independente das diferenças que ocorrem dentro desta nação, porque a identidade nacional pode ser identificada por fatores que estas pessoas possuem em comum, como a língua, origem étnica, a História desta nação e também a sua formação religiosa. Desta forma é interessante observar o desenrolar da Revolução Francesa quando estados do Antigo Regime da Europa decidiram atacar a França porque estes estados perceberam que seu modo de vida, ou até mesmo sua existência, estavam ameaçados pelo processo revolucionário francês. Qual foi a resposta do povo francês a esta tentativa de submissão?

A reação foi tão intensa, que despontou neles uma ligação tão forte cuja mesma ajudou no desenvolvimento de um único sentimento de caráter nacional, isto de certa forma gerou involuntariamente um sentimento consistente no qual os integrantes desta nação se sentiam como parte de um conjunto nacional completo. A base militar, social e econômica foram coligadas proporcionando a oportunidade da concretização da

²SMITH, 1992 apud BANTI, 2010, p. 46.

religião nacional francesa, isso fez com que a pátria se tornasse “a nova divindade do mundo moderno” (CHABOD, 1998, p. 61)

O filósofo Antônio Gramsci disse o seguinte: “as baionetas dos exércitos de Napoleão encontraram o caminho já preparado por um exército invisível de livros, de opúsculos e de ideia”³. Analisando tal colocação, é importante observar que a Revolução Francesa, na sequência com o período napoleônico, mostrou aos europeus e ao mundo um direcionamento da gênese de um Estado-nação, pois além de defender suas fronteiras, os franceses, com o patriotismo em nível de massas, conduziram o processo de transformação dos Estados-nação em solo europeu propagando os ideais da Revolução de 1789, e foi principalmente graças à sua organização administrativa e militar que mostrava uma solidez e um espírito combativos nunca vistos antes, com ênfase na defesa dos interesses comuns em detrimento dos interesses particulares.

Diante do exposto andemos um pouco à frente na História e nos deparemos com o acontecimento mais marcante da Era Moderna, se não dizer do de todo o período da humanidade- a Primeira Guerra Mundial. A Primeira Guerra Mundial começou por causa de erros de critério, cuja origem do fenômeno nacionalista remonta à Revolução Francesa e conhece sua difusão com a expansão napoleônica, que havia mostrado à Europa o altíssimo potencial militar, econômico e social do princípio de nacionalidade, verdadeiro e próprio cimento laico do Estado, sendo que esse militarismo adentra a vida política, elaborando planos político-militares agressivos, os quais geraram um mecanismo de recíproca hostilidade e desconfiança entre as nações, proporcionando uma corrida armamentista e instabilidade política internacional. É imperativo afirmar que os líderes europeus, segundo Edmond Taylor, agiram como uma “geração de sonâmbulos que, sem querer, tropeçaram na beira de um precipício para a desgraça naquele tranquilo verão de 1914”, explica a obra *A Queda das Dinastias — O Colapso do Antigo Regime 1905-1922* (em inglês). Estes líderes tomaram trágicas decisões que resultaram na guerra, aparentemente e inicialmente eles não tinham a mínima ideia das consequências. Tanto que o estadista inglês David Lloyd George, primeiro-ministro britânico de 1916-1922 disse: “A confusão nos levou à guerra”⁴. Não obstante houve uma falha grosseira em

³ [3]GRAMSCI, 2004, p. 59-60.

⁴ Fonte: <https://www.wdl.org/pt/item/19312/>; Acesso em”:<05/03/0/2019>.

setores-chaves da sociedade vigente daquela época. Os políticos prometeram que a guerra resultaria num mundo novo e melhor. Na Grã-Bretanha as pessoas pensavam que essa seria uma guerra para acabar com as guerras. Infelizmente estavam todos enganados.

A construção do Canal de Suez.

Daí surge uma pergunta: onde os egípcios estão inseridos nestes acontecimentos históricos, e como os mesmos podem ser relacionados à crise do Canal de Suez? É válido destacar que na história do Egito moderno, depois da Revolução Francesa, no século 19, notam-se vários acontecimentos de suma relevância tendo em vista as questões levantadas. Levando-se em consideração que a História do Egito é muito antiga, é importante destacar os acontecimentos contemporâneos que precederam a crise do Canal de Suez. Podemos começar com a saída de Napoleão do Egito que deixou um exército alocado naquele país o qual foi expulso pelos turcos otomanos e pelos ingleses no início do século 19, sendo que na sequência dos fatos, Maomé Ali assume o poder em 1805. Esse governante massacrou os mamelucos, em 1811, declarando-se o senhor do Egito. Objetivando reestruturar o Egito, solicitou a ajuda dos franceses para que ele pudesse organizar um exército moderno, desenvolver uma marinha de guerra e modernizar a economia. Vale ressaltar que no período desta modernização, mais alguns anos à frente, especificamente entre 1859 e 1869, foi construído o Canal de Suez. Apesar do estabelecimento desta economia moderna, o Egito não ficou livre das crises e por conta disso ficou dependente economicamente das potências europeias, tanto que em 1874 o governo do Egito vendeu à Inglaterra todas as ações do Canal de Suez. A situação ficou tão difícil que as finanças do país passaram a ser cuidadas pela França e a Inglaterra; no entanto, como fora destacado anteriormente, o espírito nacionalista passou a ser o “pedido” do século, logo esse espírito nacionalista derrubou o Quediva Ismail, apoiado pelo exército, é claro! Na sequência os ministros estrangeiros foram expulsos do país.

Será que as potências imperialistas deixariam isso “barato”? Muito difícil porque quando seus interesses econômicos são confrontados essas potências iriam ou vão até a última instância para concretizar seus objetivos. E isso foi feito. Como? Os franceses e ingleses, em 1882 desembarcaram tropas em Alexandria, assim o Egito passou a ser militarmente ocupado, em outras palavras, “não foi pelo amor, então foi pela dor”. Em face desta ocupação, alguns anos mais tarde, 1914, o Egito foi declarado como

protetorado britânico. Sendo que na sequência, bem com no término da Primeira Guerra Mundial ficou evidente que antigos territórios africanos que antes estavam sob o domínio alemão, passaram para as “mãos” da França e da Inglaterra que através do regime de *mandato*, ratificado pela ONU, administraram suas “novas colônias”! É importante ressaltar que dentro deste domínio colonial existiam duas forças que durante este período se tornaram complementares, o “cristianismo” e o “islamismo”, pois por conta da difusão de ideias e valores os movimentos islâmicos se tornaram organizados e assim sendo constituídos como uma força política real que afrontaria o Ocidente. Logo, é de fácil percepção que tais movimentos dentro de uma conjuntura diversificada e questionadora, proporcionaram assim o pensamento do sentimento de independência, que através de militares carismáticos, foi desenvolvendo aos poucos a ideia de políticas reformistas de caráter populista.

Os ingleses entronizaram o Rei Fuad da dinastia Maomé Ali porque tal governante atendia inicialmente os anseios imperialistas. Esta situação se estendeu até 1922, pois o Egito negociou sua independência, na teoria, com ingleses, mas que na prática não funcionou muito, semelhante à independência de Cuba da Espanha, cuja ilha mesmo “independente” tornara-se um protetorado estadunidense, que pode ser cunhado de colonialismo não presencial, através do qual os ingleses, quando se sentiam prejudicados, interferiam nos assuntos internos do povo egípcio. Na sequência ocorrera a instalação da monarquia com a promulgação da Constituição em 1923 e as eleições parlamentares em 1924, período que pode ser considerado o início de uma futura mudança porque o partido Wafd tomou o poder e seu líder tinha um interesse constante de libertar o Egito definitivamente do poder inglês, esse grupo “tinha apoio da elite de profissionais liberais e de outros setores da burguesia”, os únicos que naquele momento do mundo árabe podiam formular uma pretensão de independência política, baseada na organização de um estado nacional”⁵. Qual foi o primeiro passo para esta libertação? O assassinato do comandante do exército britânico no Egito em novembro de 1924. Diante do exposto a sequência dos acontecimentos foi sendo direcionada com o crescimento do Wafd. Dentro deste clima o Wafd mais uma vez saiu fortalecido na formação de um novo governo,

⁵ HOURANI, 2007, p. 433.

tendo como resultado a assinatura de um novo tratado entre Egito e Inglaterra, no qual é definida a redução de militares ingleses em solo egípcio.

As eleições que tiveram lugar logo após esta crise dariam de novo a vitória ao Wafd. O rei Fuad, que temia este partido, ordenou o encerramento do parlamento e, em 1930, apoiado em políticos que eram contra Wafd, impõe uma nova constituição ao Egito, que reforçava o poder da monarquia. Quando as coisas pareciam tomar rumo para o Egito, eclodiu a Segunda Guerra Mundial, e a Inglaterra aumentou sua presença militar novamente naquela região, em especial no Canal de Suez. Os ingleses forçaram o rei Faruq a nomear um governo do partido Wafd, que foi o erro deles, porque o Wafd no princípio apoiou os aliados na Grande Guerra, sob a liderança de Nahas Paxá, mas posteriormente ao se sentirem desprestigiados e vistos com desconfiança pelo povo egípcio, o partido Wafd, através de seu líder impuseram reformas na educação e promoveram a formação da Liga Árabe. Em virtude disso a aproximação do fim do domínio britânico naquela região se tornara evidente, pois com a formação do Estado de Israel imposto pelas grandes potências os árabes entram em conflito com Israel, assim, os árabes capitulam diante de Israel. Essa humilhação proporcionou inúmeras revoltas no mundo árabe, sendo que no Egito o descontentamento com o rei Faruq aumentou substancialmente, em virtude disso houve uma conturbação política no país na qual a mesma se deteriorou acintosamente com vários assassinatos, ações constantes de guerrilhas contra alvos ingleses e inúmeros motins causando distúrbios populares que fugiram do controle governamental.

A crise do Canal de Suez

Tais processos serviram de estrutura para o que viria, a saber, um levante organizado em 23 de julho de 1952, quando a monarquia do Egito foi definitivamente derrubada, em consequência foi proclamada a República pelo movimento “Organização dos Oficiais Livres, cujo seus líderes eram o general Muhammad Naguib e o coronel Gamal Abdel Nasser. Abdel Nasser por possuir uma retórica de mais impacto entre a população viu a sua popularidade crescer exponencialmente e se sobressaiu como líder nato; e para piorar a situação de Naguib o grupo que depôs a monarquia estava insatisfeito

com a simpatia de Naguib pelos partidos muçulmanos e também pela Irmandade Muçulmana, isso acarretou em oposição deste grupo ao general Naguib, assim o mesmo foi deposto por Nasser em 1954 e seguidamente preso. A partir deste momento vai sendo desenhado o protagonismo do Egito no mundo árabe, pois estrategicamente pensado, os movimentos de Nasser deixam claro seus planos em relação ao Canal de Suez. Objetivando modernizar o Egito Nasser executou uma série de medidas tencionando transformar o Egito de característica rural e sem infraestrutura; nacionalizou os principais setores da economia, realizou a reforma agrária e incentivou universidades e cooperativas e negociou em definitivo a saída das tropas britânicas do Canal de Suez em julho de 1954.

A modernização de Nasser incluiu também a compra de armamentos, vale lembrar que este fato se tornou mais relevante em virtude da obtenção de armamentos por Israel da parte dos franceses, que por sinal estava em desacordo com a Declaração Tripartite de 1950. Calvocoressi (2001, p. 332) afirma que “essa associação franco-israelense, embora nunca tenha sido uma aliança formal, tornou-se um dos principais ingredientes da Guerra de Suez de 1956”. Na ascensão de Nasser evidencia-se o desenvolvimento do pan-arabismo, o nacionalismo árabe moderno, o qual Abdel Nasser conseguiu desenvolver uma grande articulação visando objetivos práticos para as nações árabes, nota-se que o mais interessante nesta articulação, é que Nasser conseguiu assim “afastar a influência da religião islâmica sobre a legislação e os costumes egípcios”⁶.

Dentro deste contexto pavimentou-se o caminho para a decisão mais importante de Abdel Nasser, a nacionalização do Canal de Suez. E isso aconteceu! Em 26 de julho de 1956 desejando acabar com a influência estrangeira no Egito, em especial a franco-britânica, Abdel Nasser nacionalizou o canal de Suez objetivando gerar recursos para o financiamento da obra da represa de Assan, cujo apoio estadunidense fora retirado em virtude da aproximação de Nasser com a antiga URSS, pois o mundo estava vivenciando a Guerra Fria e qualquer aproximação para ambos os lados gerava desconforto e retaliação do lado oponente. Como reagiu Nasser a pressão estadunidense? Como fora mencionado anteriormente ele nacionalizou o Canal de Suez, gerando uma retaliação franco-inglesa e israelense na qual a nação de Israel, “incentivada” pelos

⁶ FERABOLLI, 2009; SOARES, 1998.

franceses, invadiu o Sinai e ocupasse a zona do Canal. Isso geraria a reação do Egito, assim ingleses e franceses mobilizaram seus homens e vários equipamentos para a região de Suez. É digno de nota que franceses e ingleses tinham vários interesses naquela região que iriam além da questão do Canal, pois em nenhum momento Abdel Nasser tencionava fechar o Canal, por este motivo pode-se afirmar que as intenções anglo-francesas estavam alinhadas à política e manutenção das colônias africanas e no Oriente Médio, pois eles tinham medo de que Abdel Nasser se tornasse um “novo Hitler” e depois poderia ficar difícil derrotá-lo. E no jogo de xadrez mundial, estadunidenses e russos se alinharam em forçar a retirada dos britânicos e franceses do Egito e dos israelenses do Sinai porque estas duas potências antagônicas não pretendiam perder o protagonismo mundial e não permitiriam ações independentes fora de suas esferas hegemônicas.

Apesar de militarmente ter perdido a guerra, Nasser saiu como herói para os árabes e o mesmo soube aproveitar tal condição fazendo discursos inflamados para a população e firmando em bases sólidas o crescimento do pan-arabismo, que a partir daquele momento histórico tomou dimensões inimagináveis por muitos. No entanto essa liderança fora colocada em cheque quando os israelenses derrotaram de uma só vez uma coalizão de países árabes na chamada Guerra dos Seis Dias, ocorrida em 1967. Na qual Israel conseguiu uma vitória relâmpago contra as posições conjuntas do Egito, da Síria e da Jordânia. Sendo que este acontecimento deixou evidente para as nações árabes e seus respectivos povos que Gamal Abdel Nasser e o pan-arabismo já não eram tão poderosos assim.

Considerações finais - O valor da pesquisa associado ao uso da narrativa fílmica.

Em face do exposto, entendemos que os curtas-metragens produzidos pela televisão francesa aparentemente tinham a intenção de informar o desenrolar dos acontecimentos no norte da África e no Oriente Médio, evidenciando a ascensão de um líder carismático que com suas habilidades de negociações e seus discursos inflamados e progressistas tentava mostrar ao mundo uma terceira via ao imperialismo europeu e também a hegemonia das potências, EUA e URSS, protagonistas da Guerra Fria. No pano de fundo destes acontecimentos está a Segunda Guerra Mundial que mostrou a queda e ascensão do nazismo, a formação do Estado de Israel, o colonialismo franco-britânico a guerra da Indochina, a independência da Índia e notadamente o pan-arabismo, movimento

este que marcou a autoafirmação dos povos árabes no cenário mundial e consecutivamente o colapso do colonialismo europeu naquela região e em outras várias.

Em virtude dos acontecimentos descritos, dos questionamentos e dos documentários de curta metragem apresentados, é interessante notar que em menos de dez minutos de matéria fílmica podemos perceber o poder destas ferramentas no desenvolvimento de temas históricos, na sua compreensão e dinamismo dos fatos. Foi observado também que com essa pouca exibição fora proporcionado um vasto material de estudo e pesquisa voltado para uma questão que abrangera mais de um século de História de um país, que envolveu alguns outros, direta e indiretamente, cujos acontecimentos destacados tiveram proporções históricas de extrema relevância. Isso mostra a importância do audiovisual na pesquisa histórica, pois ele nos amplia a capacidade de entendimento de determinado assunto, dando-nos condições de ir além daquilo que poderíamos pensar em alcançar através dos livros, pois tal recurso no dá uma possibilidade de perceber a vida da História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

L Carmo. **O cinema do feitiço contra o feiticeiro** - Revista Iberoamericana de educación, 2003. “Disponível em” <rieoei.org>; “Acesso em” <10/02/2019>.

ABUD, Kátia Maria. **A construção de uma Didática da História: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino**- História, 2003. “Disponível em” <www.scielo.br>; “Acesso em” <10/02/2019>.

Natália, Gejão. **A fotografia como mediador cultural na construção do conhecimento histórico escolar**- Antíteses, 2009. “Disponível em” <redalyc.org>; “Acesso em” <11/02/2019>.

Burke, Pete. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**- 2017. “Disponível em” <books.google.com>; “Acesso em” <10/02/2019>

Menese, Ulpiano. **Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares**- Revista brasileira de História, 2003. “Disponível em” <SciELO Brasil>; “Acesso em” <10/02/2019>.

KONZEN, Carina de Almeida. "**Do sionismo à guerra do Yom Kippur – uma análise das quatro guerras Israelo-árabes**". 2014- Monografia (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, jun. 2014. “Disponível em”: <<http://hdl.handle.net/10737/754>>; “Acesso em” <11/02/2018>.

FCS Ferrer, JS Matos. **A construção do canal de Suez e a formação do conflito: a força de paz brasileira na faixa de gaza** - 2006. “Disponível em” <repositorio.furg.br>; “Acesso em” <12/02/2019>.

LS Neto. **A crise de Suez: uma sobreposição de três conflitos (1952-1956)** - Revista Cantareira, 2019. “Disponível em” <periodicos.uff.br>; “Acesso em” <13/02/2019>.

Romani, Carlo – **O mundo fora do eixo hegemônico até o fim da Segunda Guerra Mundial** - História Contemporânea 2 ; 2019; CECIERJ-CEDERJ; Aula 1.

Sciarretta, Massimo – **A “Guerra Fria”** - História Contemporânea 2 , 2019; CECIERJ-CEDERJ; Aula 2.

Romani, Carlo. **Lutas pela independência e a descolonização após 1945: o surgimento do “Terceiro Mundo”** - História Contemporânea 2, 2019 ; CECIERJ-CEDERJ; Aula 5.